

Univerzita Karlova

Filozofická fakulta

Ústav románských studií

Representação de personagens femininas na prosa

***Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro**

Julie Hrušková

Praha 2024

Conteúdo	
1 Anotação	2
2 Introdução	3
3 Contexto histórico e literário	4
4 Enredo: três contos	7
5 A importância das personagens femininas na obra	9
5.1 Prólogo – Diálogo entre a Menina e a Dona do Tempo Antigo	9
5.1.1 A Menina	9
5.1.2 A Dona do Tempo Antigo	11
5.2. Primeiro conto - Belisa	12
5.3. Segundo conto - Aónia e Aquelísia	13
5.3.1. Aónia	13
5.3.2 Aquelísia	15
5.4. Terceiro conto – Arima e as Meninas enganadas	15
5.4.1 Arima	15
5.4.2 As Meninas enganadas	17
6 Conclusão	18
Bibliografia	22

1 Anotação

Este ensaio analisa as personagens femininas da prosa *Menina e Moça*, do poeta e romancista renascentista português Bernardim Ribeiro. Um breve resumo do contexto histórico e literário introduz o período em que o livro foi escrito e as normas sociais que as mulheres tinham de seguir nessa sociedade. Através de uma análise detalhada de *Menina e Moça*, este ensaio esclarece também a perspectiva pró-mulher presente no texto. Para além de uma comparação exaustiva das personagens femininas e masculinas, o ensaio examina o motivo e o significado da beleza no romance. Conclui-se comparando a representação das mulheres no romance de Bernardim Ribeiro com a forma como as mulheres viviam durante o Renascimento na Europa, especialmente na Península Ibérica. O ensaio apresenta uma interpretação aprofundada da representação que Ribeiro faz das suas personagens femininas, do seu aspeto físico, das suas relações e dos seus papéis na sociedade.

2 Introdução

“Toda a estrutura da obra se encontra norteadada em torno e pelo amor da mulher. Através das várias histórias de aventuras e desventuras de um vasto conjunto de personagens, contemplamos a fenomenal leitura da psicologia feminina, leitura que se depreende através das confidências de mulher, da expressão da afectividade e sensibilidade [...] e as mudanças inconstantes e cada vez mais dolorosas e de submissão e da facilidade com que se suportam as feridas e as mudanças inconstantes e cada vez mais dolorosas.”¹

É com estas palavras que Helena Filipa Lourenço, investigadora do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa, introduz a publicação *A representatividade do feminino na Menina e Moça de Bernardim Ribeiro: paradigmas do discurso amoroso* (2009). E é a feminilidade e as personagens femininas que estarão no centro da nossa atenção neste ensaio em que, a partir da teoria narratológica, nos debruçaremos sobre a sua representação em *Menina e Moça*, do eminente poeta e romancista português Bernardim Ribeiro.

A prosa *Menina e Moça*, publicada em meados do século XVI, pode ser considerada uma das primeiras obras a introduzir na literatura portuguesa a questão da (des)igualdade da mulher na sociedade. Sobretudo porque o autor procura colocar-se na pele das personagens femininas e contar contos de amor a partir da perspetiva delas. A análise procurará responder às questões: "Quais são as diferenças entre as personagens masculinas e femininas?", "Que papel desempenha a beleza feminina no livro?" e "Em que medida a obra de Ribeiro reflete a vida das mulheres reais do Renascimento?" Iremos fazer uma retrospectiva do contexto histórico, social

¹ LOURENÇO Helena Filipa. *A representatividade do feminino na Menina e Moça de Bernardim Ribeiro: paradigmas do discurso amoroso*. eHumanista: Journal of Iberian Studies, Vol. 12, 2009, p. 252.

e literário da criação da obra e, através de um resumo do enredo, chegaremos a uma análise das próprias personagens femininas. O resultado será uma interpretação complexa da conceção do autor sobre o papel da mulher na sociedade portuguesa do Renascimento.

3 Contexto histórico e literário

Como já foi referido, *Menina e Moça* foi publicada em meados do século XVI. Um período que foi marcado pela descoberta de novos horizontes para a Europa, pelo desenvolvimento económico e intelectual e pela transformação cultural e social.

Embora a Europa se afastasse gradualmente da ordem medieval, o estatuto social e a segurança económica das mulheres eram ainda uma questão de incerteza. Como cada mulher estava dependente do pai ou do marido, o seu papel na sociedade e na família estava também intimamente ligado à função que desempenhava na vida do homem.² "Em cada fase da vida, a mulher encarnava qualidades diferentes aos olhos do homem renascentista."³ Escreve Margaret King em *Mulher do Renascimento* (Woman of the Renaissance, 2003), "A mulher-mãe era uma prolífica e poderosa garante da fortuna e da honra da família. A velha viúva era uma trabalhadora, um ser dependente [...] ou pior, uma inimiga desligada da sociedade, uma bruxa. A filha virgem era uma carga temida ou um potencial Ás na manga nas negociações comerciais, uma criatura completamente esquecida, ou um trunfo numa busca espiritual. [...] As genealogias das famílias nobres dizem-nos algo sobre o valor das filhas na sociedade renascentista: os seus compiladores eram "cavalheirescos" no seu tratamento, omitindo simplesmente trinta por cento das descendentes femininas das listas que registavam detalhadamente o nascimento de rapazes."⁴

² KING, Margaret. "Žena renesance". In: GARIN, Eugenio, ed. *Renesanční člověk a jeho svět*. Praha: Vyšehrad, 2003, p. 219–245.

³ KING, Margaret, 2003, p. 223–224. Todas as citações deste livro foram traduzidas pela autora.

⁴ KING, Margaret, 2003, p. 223–224.

Em resumo, enquanto o homem na sociedade renascentista ocupava o cargo de governante, descobridor, mercador, sacerdote, humanista, estudante, inovador, artista ou comerciante, o papel da mulher que lhe dava à luz era o de filha, esposa, mãe, viúva, santa, mas também de prostituta. E se ela não se conformasse com a norma, era considerada uma herege, uma apóstata da fé, ou mesmo uma bruxa.⁵

Não obstante, apesar das crenças fortemente enraizadas, a influência de um movimento significativo de pensamento, social, cultural, artístico e literário começou a emergir gradualmente em Portugal. O Renascimento e o Humanismo trouxeram uma nova perspectiva do mundo. Os autores literários deste período inspiraram-se sobretudo em modelos antigos, tendo surgido novos géneros e temas como o amor, a natureza e a beleza. O ideal de beleza mudou, assim como as heroínas femininas. Em Portugal, dadas as circunstâncias históricas, são particularmente populares as crónicas de história portuguesa e os relatos de viagens ultramarinas. Publica-se também a mais importante coleção de poesia portuguesa deste período, o *Cancioneiro Geral*, que inclui a obra de Bernardim Ribeiro.⁶

O poeta e romancista Bernardim Ribeiro quase não deixou vestígios que nos permitam ter um vislumbre da sua vida. João Soares Carvalho, no seu livro *História da literatura portuguesa*, diz: "A existência deste escritor está ainda envolta num mistério que não foi ainda resolvido. Não sabemos a data do seu nascimento nem da sua morte, nada sabemos sobre as suas atividades, interesses sociais, políticos ou religiosos. Este mistério parece estar intimamente ligado ao texto do seu enigmático romance em prosa *Menina e Moça*, também conhecido como *Saudades*."⁷

⁵ KING, Margaret, 2003, p. 223–224.

⁶ SARAIVA, António José e Oscar LOPES. *Dějiny portugalské literatury*. Trad. Zdeněk Hampl. Praha: Odeon, 1972, p. 126.

⁷ LYON DE CASTRO, Francisco, *História da literatura portuguesa*. Lisboa: Publicações Alfa, 2001, p. 175.

Da mesma forma, *Menina e Moça* não é isento de segredos. Existe alguma confusão sobre a autoria do livro devido ao facto de ter sido publicado em conjunto em três edições diferentes. As duas edições não são totalmente coincidentes em termos de conteúdo ou estilo. As duas primeiras edições diferem mesmo no título. A primeira edição de Ferrara, de 1554, intitula-se *História de Menina e Moça*, enquanto a edição de Évora, de 1557, se intitula *Saudades*.⁸ Os estudiosos literários há muito que especulam sobre se algumas partes de *Menina e Moça* foram forjadas, mas discordam sobre quais. Dada a ambiguidade sobre a autoria em toda a obra de Ribeiro, centrar-nos-emos na primeira versão de 1554.

4 Enredo: três contos

A obra *Menina e Moça* pode ser dividida num prólogo e três histórias: Lamentor e Belisa, Bimarder e Aónia, e Avalor e Arima. As três histórias estão interligadas pelo parentesco entre as personagens femininas. Belisa é irmã de Aónia e mãe de Arima. Lamentor, o marido de Belisa, também aparece nas três histórias. Embora o tempo da ação não seja especificado, os destinos de todas as personagens têm lugar no mesmo cenário, uma região montanhosa num vale junto a um rio que supostamente traz infortúnio.

O prólogo começa com uma descrição desta mesma região para onde a Menina se dirigiu para suportar a sua difícil sorte na vida. Fica implícito que ela sofre de um desejo por um certo homem, mas não são dados mais pormenores. Um dia, encontra uma mulher idosa na margem do rio. Contam uma à outra a sua dor. A Dona do Tempo Antigo fala-lhe dos dois cavaleiros enamorados, e segue-se a história de Lamentor e Belisa.

Tudo começa com a chegada do cavaleiro Lamentor a essa região, juntamente com a sua mulher grávida, Belisa. Para que ela não ficasse com saudades de casa, traz consigo a irmã dela,

⁸ Cf. SARAIVA, António José a Oscar LOPES, 1972, p. 126.

Aónia. Partiram numa viagem por uma terra desconhecida, mas quando quiseram atravessar o rio, foram impedidos por um cavaleiro apaixonado que guardava a passagem há quase três anos e ainda não tinha sido derrotado. Como o cavaleiro não se deixava persuadir, Lamentor desafiou-o para um duelo e venceu. Porém teve pena do jovem e poupou-lhe a vida. O cavaleiro partiu derrotado e humilhado, contudo não tardou a morrer devido aos efeitos do duelo. Poucos dias depois, Belisa deu à luz nesse mesmo lugar. Tragicamente, ela morreu durante o parto, deixando Lamentor com apenas uma menina recém-nascida, Arima, no mundo.

A segunda história desenrola-se na sequência da primeira. Pouco depois da morte de Belisa, um cavaleiro, cujo nome não sabemos, chega ao vale. Vê Aónia a chorar e apaixona-se por ela devido à sua beleza. Lamentor decide nunca mais partir do vale e constrói ali um palácio. O cavaleiro também quer ficar lá, mas sente remorsos pela Senhora Aquelísia, a quem serve. No entanto, ele ama mais Aónia e decide enganar Aquelísia. Muda o seu nome para Bimarder, para que Aquelísia nunca mais o encontre. Pouco tempo depois, o seu cavalo é despedaçado por lobos e ele não tem onde passar a noite, todavia os pastores locais ajudam-no. Torna-se pastor e vive assim durante muito tempo, até que a sua canção de amor dedicada a Aónia é ouvida pela ama de Aónia, que a conta à patroa. No dia seguinte, Aónia avista-o e apaixona-se por ele. Com a ajuda da criada Inês, encontram-se na quinta onde Bimarder está alojado. Lamentor arranja o casamento de Aónia com um cavaleiro rico e só lhe conta na véspera do casamento. Inês convence Aónia de que, se ela se casar, terá mais liberdade para ver Bimarder. No entanto, quando Bimarder vê Aónia com o marido, retira-se e nunca mais é visto. Aónia fica desiludida, mas não tem outra alternativa senão seguir em frente com a sua vida.

Na terceira história, avançamos alguns anos até à idade adulta da filha de Belisa, Arima. Por afeto a Lamentor, o Rei convida Arima a ir à corte da Rainha para escolher um marido adequado para ela. Aqui Arima conhece Avalor, que se apaixona por ela à primeira vista. Apesar de Avalor já estar ao serviço de outra senhora, descobre que quer mais Arima. Encontra-

se com ela na corte real, porém nunca declara o seu amor por ela. Um dia, Avalor vê-a e desmaia e, por causa disso, Arima fica a saber do seu amor por ela. Avalor é convocado por uma grande amiga dele e conta-lhe um segredo que ninguém sabe, nem mesmo os leitores. Avalor faz então algo que a Dona do Tempo Antigo diz que não deve ser feito entre damas. Isso faz com que Arima seja elogiada pelo grande feito de Avalor, mas não acaba com as fofocas na corte. Arima decide então que não quer viver na corte real e parte para o campo. Pouco depois, Avalor parte também. O que se segue é um relato das deambulações de Avalor depois de deixar a corte real. Numa tentativa de suicídio, saltou para o mar entre as rochas, no entanto as ondas levaram-no para uma pequena enseada. Aí encontrou uma rapariga que tinha as mãos atadas, que lhe contou o destino dela. Ela foi escolhida para servir a deusa Diana nas montanhas e encontrou um cavaleiro na floresta que a enganou, amarrou-lhe as mãos e partiu. A donzela pede a Avalor que a vingue e mate a segunda mulher do cavaleiro. Infelizmente, não chegamos a saber o desfecho da história.

5 A importância das personagens femininas na obra

"Este romance aparentemente inocente e poético sobre a separação no amor, explosões amorosas, amor de amante e amor conjugal, esconde fragmentos de verdade sobre as condições reais e humilhantes em que as mulheres viviam, mas acima de tudo, significados mais profundos, filosóficos e místicos."⁹ É assim que *Menina e Moça* é caracterizada no posfácio da edição checa do livro pela sua tradutora Marie Havlíková, galardoada com o prémio criativo da Associação Checa de Tradutores. Perguntamos então quais "fragmentos de verdade" se escondem nas entrelinhas do enredo e qual é o significado deles no contexto da época do autor?

⁹ RIBEIRO, Bernardim. *Kniha stesku*. Trad. Marie Havlíková. Praha: Argo, 2008. p. 134. A citação foi traduzida pela autora.

5.1 Prólogo – Diálogo entre a Menina e a Dona do Tempo Antigo

5.1.1 A Menina

A primeira protagonista feminina que aparece em *Menina e Moça* é uma jovem cujo nome não ficamos a saber ao longo da narrativa, pelo que lhe chamaremos a Menina. Ela não descreve nenhum pormenor da sua vida nem a causa da sua tristeza, que menciona várias vezes. Sabemos apenas que foi causada pelo homem que amava. Talvez o nome da Menina em si não tenha tanta importância. Na verdade, esta personagem representa todas as jovens mulheres, desiludidas com o amor e enganadas pelos seus amantes.

Talvez por esta razão, ficamos a saber pouco sobre a aparência da Menina. A Dona do Tempo Antigo descreve-a como jovem e bela, mas, devido à dor, perdeu parcialmente a sua beleza. Apesar disso, não se importa, porque lhe serve de escudo contra mais infortúnios. Dá a entender que foi a sua beleza que lhe causou grande sofrimento, ainda assim também a protegeu das ameaças que os homens lhe faziam. Agora que já não é tão bonita como era, perdeu o seu valor aos olhos da sociedade e nada mais lhe pode acontecer.

Para além da beleza feminina, os dois temas centrais do livro, a dor e o desejo não satisfeito, estão patentes na história da Menina. A caminho do vale, onde mais tarde encontra a Dona do Tempo Antigo, ela cai várias vezes, não obstante é insensível ao que o seu corpo sente. Em contrapartida, deleita-se com a dor causada pela sua mágoa. "Grande desventura foi a que me fez ser triste ou, per aventura, a que me fez ser leda."¹⁰ E confessa que suporta tanto a sua dor como a do seu amante, porque ele fugiu dela para o estrangeiro. Sente que, através da dor, o seu destino se cumpriu. A sua visão do amor é também muito pessimista, suspira: "Que quando vi eu prazer acabado ou mal que tivesse fim?"¹¹ E queixa-se de que todo o amor está destinado

¹⁰ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 55.

¹¹ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 56.

a um fim trágico. Escreve a sua vida e sublinha que os seus escritos não deveriam ser lidos por mulheres. Na sua opinião, o destino delas já é suficientemente difícil e a sua história iria entristecê-las. Explica o seu conselho da seguinte forma: "... poucos serão os dias que hão de poder ser ledas, porque assi está ordenado pela desventura com que elas nascem."¹²

A natureza circundante reflete o seu estado mental. Como ela conta, um rouxinol que se senta numa árvore próxima e canta lindamente cai de repente morto no chão. É como se toda a beleza do mundo estivesse predeterminada a um destino infeliz.¹³ Outro símbolo na paisagem é uma pedra que se ergue no meio do rio e obstrui o seu fluxo suave. Por detrás da pedra o rio volta a juntar-se. Representa um obstáculo na vida, mas, ao contrário do rio, a Menina não conseguiu contorná-lo e continuar sem alterações.

5.1.2 A Dona do Tempo Antigo

Outra personagem do prólogo é uma personagem cujo nome, tal como o da Menina, não conhecemos. Por isso, chamar-lhe-emos a Dona do Tempo Antigo. Na primeira frase que ela diz, menciona que perdeu o seu único filho. Provavelmente, a sua personagem pretende representar as mulheres adultas e as mães que perderam os seus filhos. Temos assim, no prólogo, dois ciclos na vida de uma mulher: a donzela, virgem e amante, e a senhora, mãe e (algum dia) velha solitária. Ambos os destinos, impulsionados pela relação com o companheiro ou pela relação com o filho, marcam um triste fim.¹⁴ Para ela, a perda do filho é motivo de viver separada das pessoas. Segundo as suas próprias palavras, o seu corpo já está habituado à dor. Ela também se deleita com a dor e não tenta mudar o seu destino.

¹² RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 57.

¹³ Cf. JOÃO DODMAN Maria. *(Mis)Fortunes and Perils of Beauty: the Women of Bernardim Ribeiro's Menina e Moça*. eHumanista (Santa Barbara, Calif.), 2011, Vol.19, p. 390-406.

¹⁴ Cf. LOURENÇO Helena Filipa, 2009, p. 257.

Promete à Menina que lhe contará o destino dos dois cavaleiros enamorados, que teve lugar junto ao rio onde se encontram as duas mulheres. A Dona do Tempo Antigo torna-se a narradora das seguintes três histórias. Helena Filipa Lourenço explica a importância de haver uma narradora feminina. Na sua opinião, isso demonstra o desejo do autor de se colocar no lugar das mulheres e de descrever histórias de amor a partir da perspectiva delas. Claro que podemos especular sobre a exatidão desta empatia. Talvez o resultado seja uma representação de como o autor imagina que as mulheres pensam. As personagens femininas escritas por Ribeiro são criaturas frágeis, vivem emoções muito fortes e sofrem muitas vezes de cabeça baixa devido a um destino injusto.¹⁵

A Dona do Tempo Antigo oferece uma explicação para este comportamento das mulheres em várias passagens do seu discurso. Diz que as mulheres, ao contrário dos homens, não têm cura para o mal. A dor delas na adversidade é dupla, porque são feridas tanto pelo bem que perdem como pelo mal que ganham. Sofrem com a dor que elas próprias experimentam e, ao mesmo tempo, com a dor dos seus parceiros.¹⁶ “... as tristezas, quando viram que os homens andavam de um cabo para outro, e como as mais das cousas com as contínuas mudanças ora se espalham ora se perdem, e as muitas ocupações lhe tolham o mais do tempo, tornaram-se às coitadas das mulheres, ou porque aborreceram as mudanças, ou porque elas não tinham para onde lhes fugir.”¹⁷ E também, talvez, porque os homens tendem a ser a causa da tristeza das mulheres. Em todas as histórias que se seguem em *Menina e Moça*, é esse o caso.¹⁸

¹⁵ Cf. LOURENÇO Helena Filipa, 2009, p. 255-260.

¹⁶ Cf. LOURENÇO Helena Filipa, 2009, p. 255.

¹⁷ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 67.

¹⁸ Cf. RIBEIRO, Bernardim, 2008, p. 36.

5.2. Primeiro conto - Belisa

O nome Belisa deriva certamente da palavra *beleza*. E é a sua imensa beleza que é uma das suas características mais marcantes. A beleza é associada a muitos atributos da mulher "ideal", como a obediência e a piedade, enquanto a feiura associamos a uma bruxa má. Para além de ser bonita, tudo o que sabemos sobre Belisa é que está grávida. E porque engravidou fora do casamento, o que era inaceitável na alta sociedade, ela e Lamentor fugiram da sua terra natal.

Pouco depois da sua chegada, Belisa começou a sentir-se mal durante a noite. Não mandou chamar o Lamentor até ao último minuto porque não queria perturbar o seu sono. Pressentindo que a sua vida corria perigo, ordenou às criadas que lhe mudassem a camisa, pois não queria morrer indigna. Mandou chamar o Lamentor quando estava à beira da morte. Não fez qualquer tentativa para salvar a sua vida. Morreu como viveu, sobretudo como um elemento estético, um ornamento passivo para a sociedade.

Segundo Havlíková, a história de Belisa reflete fielmente as convenções sociais do tempo do autor. Especialmente porque Belisa e Lamentor são obrigados a abandonar a sua terra natal devido a uma gravidez fora do casamento.¹⁹ O desfecho trágico de toda a situação pode ser interpretado como uma tentativa do autor de criticar a sociedade, ou de criticar o comportamento de Belisa e Lamentor que os levou a esta situação.

5.3. Segundo conto - Aónia e Aquelísia

5.3.1. Aónia

Aónia é, como já referimos, a irmã de Belisa. E tal como Belisa, é brevemente apresentada simplesmente como muito bonita. A maior parte da ênfase na sua descrição recai sobre o cabelo e o rosto dela. Maria João Dodman em *(Mis)Fortunes and Perils of Beauty: the Women of*

¹⁹ Cf. RIBEIRO, Bernardim, 2008, p. 141.

Bernardim Ribeiro's Menina e Moça explica que descrever apenas partes do corpo de uma mulher causa a fragmentação do seu corpo e a sua fetichização. Se reduzirmos uma mulher à sua aparência, privamo-la de um certo grau da sua humanidade e ela torna-se um mero objeto e sujeito da paixão masculina. Além disso, as partes do corpo não podem expressar a sua opinião ou desaprovação. Esta forma de representar o aspeto físico da mulher é típica das obras em que Ribeiro se inspirou, como a poesia lírica do poeta renascentista Francesco Petrarca ou o género medieval português *cantigas de amigo*.²⁰

Devido à beleza de Aónia, o cavaleiro Bimarder apaixona-se por ela à primeira vista. Tal como as outras personagens masculinas de *Menina e Moça*, é superficial e apaixona-se pela aparência física ou, quando muito, pela graciosidade com que Aónia baixa os olhos. As personagens femininas, por outro lado, inicialmente sentem compaixão (Aónia) ou respeito (Arima) pelos seus amantes e estes sentimentos transformam-se mais tarde em amor. "Em *Menina e Moça*, a mulher é um ser superior ao homem, que está mais sujeito às circunstâncias externas e às necessidades do seu corpo no seu modo de vida, enquanto a mulher é mais controlada por causas "internas", ou seja, pela sua alma."²¹ Como escreve Marie Havlíková no posfácio, é por essa razão que as personagens masculinas são menos complexas do que as femininas, que mudam e evoluem muito mais.

Um exemplo do desenvolvimento de uma das personagens femininas é o momento em que Aónia ouve a canção de Bimarder e torna-se mulher: "A senhora Aónia, ainda então donzela d'até treze ou catorze anos, sem saber que cousa era bem-querer, de umas lágrimas piadosas regou as suas formosas faces, e com ele os sentidos primeiro lhe encrinou."²² Esta é uma

²⁰ Cf. JOÃO DODMAN Maria, 2011, p. 11-12.

²¹ RIBEIRO, Bernardim, 2008, p. 140. A citação foi traduzida pela autora.

²² RIBEIRO, Bernardim, 2008, p. 110.

personagem complexa, ingénua e tímida no início, mas que depressa se apercebe do que quer e, com o passar do tempo, não terá medo de correr riscos para o conseguir.

A princípio, Aónia obedece às ordens de Lamentor porque ele é o único membro da família que ela tem numa terra estrangeira após a morte de Belisa e, portanto, é também o seu guardião. Ela não desafia a sua vontade, mesmo quando ele lhe escolhe um noivo com quem ela não quer casar. No entanto, há alturas em que ultrapassa os limites do que uma mulher solteira deveria fazer de acordo com as normas sociais. Por exemplo, foge da ama e vai ter com Bimarder sozinha. Arrisca-se a perder a sua honra de virgem e de donzela da sociedade nobre. A sua rebeldia caracteriza também o final da história, quando decide utilizar o seu estatuto de esposa para poder se encontrar com Bimarder no futuro. A infidelidade conjugal por parte das mulheres era inaceitável nesta época e esta decisão mostra que Aónia é corajosa e já não se preocupa tanto com as regras sociais. Fica muito infeliz quando descobre que Bimarder desapareceu e culpa-o mentalmente por não ter compreendido o seu plano. No entanto, está ocupada com os seus deveres de esposa e acaba por aceitar o seu destino obedientemente. O seu desafio à autoridade, que tenta com esperança, é inútil.

5.3.2 Aquelísia

Aquelísia é a dama a quem Bimarder serve antes de conhecer Aónia. É de sangue nobre e ama muito Bimarder. No entanto, Bimarder serve-a mais por dever. A Dona do Tempo Antigo explica que uma mulher que se entrega demasiado a um homem perderá o seu amor. Retoma uma ideia que aparece frequentemente em *Menina e Moça*, ou seja, que o amor dos homens é, por vezes, apenas desejo disfarçado. E se uma mulher não mantiver a sua castidade, vai arrepender-se. " Parece que lhe queria tamanho bem que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco, deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o a si, mas não o namorou. [...] aos homens

namoram-nos, após uma brandura d'olhos, aspereza muita d'obras."²³ A Dona do Tempo Antigo prossegue então dizendo que os homens só apreciam o que lhes custa muito esforço para conquistar. Diz que uma mulher consegue o amor de um homem não lhe mostrando os seus sentimentos, porque os homens, diz ela, são ingratos e não agradecem o amor das mulheres.

5.4. Terceiro conto – Arima e as Meninas enganadas

5.4.1 Arima

Segundo Marie Havlíková, o nome Arima é um anagrama do nome Maria, pelo que se supõe que a figura se refere à Virgem Maria. Arima é perfeita e casta em todos os seus aspetos e, apesar do seu profundo amor por Avalor, não profana a sua honra. "A sua mansidão nos seus ditos e nos seus feitos não eram de cousa mortal. A sua fala, e o tom dela, soava doutra maneira que voz humana. [...] se ajuntavam ali todas as perfeições, como que se não haviam d'ajuntar mais nunca."²⁴ Trata-se, portanto, de uma referência mística, de uma manifestação da divindade através da figura de uma mulher.

E não é apenas perfeita pelo seu comportamento, ela é também perfeita fisicamente. A Dona do Tempo Antigo chama-lhe "a mais fermosa cousa do mundo."²⁵ Mas Arima não tem consciência da sua beleza e comporta-se sempre de forma modesta. Provavelmente, é muito delgada, porque num sonho que Avalor tem, pergunta-lhe porque é que ela é tão magra. Aparentemente, existe um contraste entre a aparência da Senhora Deserdada (a senhora a quem Avalor serve) e Arima, uma vez que a Senhora Deserdada, por outro lado, atrai os homens com "...umas feições grandes naquela grandeza bem postas²⁶ e "sobejava em graça."²⁷ A Dona do

²³ RIBEIRO, Bernardim, 2008, p. 94.

²⁴ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 137.

²⁵ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 137.

²⁶ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 143.

²⁷ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 142.

Tempo Antigo distingue aqui entre a beleza pura, gentil, casta e inocente, representada por todas as protagonistas femininas de *Menina e Moça*, e a "graça excessiva" que consiste em atratividade física e curvas pronunciadas. O amor verdadeiro, profundo e indomável, e a mera luxúria. Avalor tem de decidir entre as duas mulheres, mas a bela e virgem Arima vence sem nenhuma dúvida.

Arima deve as suas qualidades ao pai dela que lhe dá conselhos sobre como se comportar quando se despedem antes de ela partir para a corte real. O Lamentor realça que o mais importante é manter a honestidade e evitar os mexericos. Ela vai receber o status nobre e riqueza do pai, mas tem de ganhar uma boa reputação para si própria. Uma vez que não será bela para sempre, as suas intenções também devem ser boas. Além disso, é aconselhada sobre as suas relações com os homens. O pai explica que, se uma mulher for demasiado casta, pode despertar o desejo nos homens, o que os leva a fazer coisas más. Diz "...tudo é suspeito e pouco seguro para as mulheres."²⁸ Acrescenta que os homens enganam as mulheres dizendo que as amam, mas na realidade é apenas luxúria. A implicação é que uma mulher nunca pode agradar pelo seu comportamento porque, se não for casta, tem má reputação e, se for demasiado casta, atrairá a atenção de um homem que lhe causará sofrimento.

Como resultado dos conselhos de Lamentor, Arima é muito respeitosa ao conhecer o cavaleiro Avalor. Mostra-lhe simpatia, mas mais por ser amigo do seu pai do que por o amar. Quando descobre, através dos seus amigos da corte, que Avalor a ama, fica assustada. Teme perder a sua dignidade. Declara: "Ou me vós tendes errado, Avalor, ou me andais para errar."²⁹ Assim, é evidente que ela segue os conselhos do pai e confia no seu julgamento. A sua honestidade é sempre a sua prioridade, apesar de isso lhe custar alguma abnegação. E quando a sua reputação é manchada pelos mexericos sobre ela e Avalor, decide que não quer continuar

²⁸ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 139.

²⁹ RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 154.

a viver na corte e vai para o campo. Talvez Arima pudesse usar a sua beleza para tomar o seu destino nas suas próprias mãos, mas não o fará, especula Maria João Dodman. Pelo contrário, ela é a mais submissa de todas as personagens femininas, porque se preocupa muito em preservar a sua honra.³⁰

5.4.2 As Meninas enganadas

As duas últimas personagens femininas que aparecem em *Menina e Moça* são duas meninas que foram enganadas pelos seus amantes. Os seus destinos são ainda mais trágicos e, sobretudo, mais drásticos do que os das protagonistas.

Ambas as histórias envolvem a sedução ardilosa de uma mulher por um cavaleiro, a infidelidade, o rapto e a violação. Todas as mulheres no livro sofrem por causa do seu amor pelos cavaleiros, mas só as Meninas enganadas são abusadas fisicamente pelos seus amantes. Ficamos a saber até onde pode chegar o sofrimento das mulheres e o que os homens lhes são capazes de causar. Até a dor delas se manifesta de forma diferente, arrancando os cabelos e arranhando o rosto. Há uma gradação da violência ao longo do livro e um contraste entre as mulheres da alta sociedade (Belisa, Aónia e Arima) e as mulheres das classes sociais mais baixas (as Meninas enganadas), que não estão protegidas pelo seu estatuto social. No entanto, todas as mulheres precisam do pai, irmão ou dum cavaleiro para as proteger com o seu dinheiro e ações de outros homens. Nas palavras de Marie Havlíková, "emerge uma imagem real do estatuto degradado das mulheres na sociedade, à mercê da vontade dos maridos, humilhadas e violadas, bem como outros conhecimentos sobre as relações e convenções da época."³¹

³⁰ Cf. JOÃO DODMAN, Maria, 2011, p. 11-12.

³¹ RIBEIRO, Bernardim, 2008, p. 141.

6 Conclusão

Quais são, portanto, as diferenças entre as personagens literárias masculinas e femininas em *Menina e Moça*? Como já referimos, enquanto os homens têm uma função ativa na sociedade como governantes, exploradores, cavaleiros, etc., as mulheres são filhas, esposas, mães e viúvas. E assim é também o caso de todas as protagonistas femininas deste livro. A sua história desenrola-se com base na forma como os homens tomam decisões. Conforme eles agem, elas sofrem as consequências dos seus atos. Ao mesmo tempo, é evidente que, por exemplo no caso de Aónia e independentemente das suas escolhas, elas não têm qualquer hipótese de escapar à tristeza e à dor.

O conceito de que as mulheres estão destinadas ao luto se repete várias vezes em *Menina e Moça*. Em comparação com os seus parceiros masculinos, elas experimentam-no com muito mais intensidade. Têm mesmo de o suportar duas vezes, uma vez por si próprias e outra pelos seus amantes. Uma vez pela tristeza que sentem e a segunda vez pela felicidade que perdem. As mulheres, ao contrário dos homens, não têm cura para o luto. Ou porque são mais frágeis e vulneráveis, ou porque os próprios homens lhes causam muito sofrimento. O paradoxo é que além de os homens infligirem isso às mulheres, elas precisam deles para as protegerem com o seu poder e estatuto social e para as amarem e adorarem.

Nem mesmo o amor é percecionado de forma igual pelas personagens femininas e masculinas do livro. Quando os homens se apaixonam, concentram-se no aspeto físico da mulher e são mais diretos. São mais frequentemente movidos pelo desejo e, quando este é satisfeito, deixam de mostrar interesse pela mulher. Como é o caso da atraente Senhora Deserdada ou da apaixonada Aquelísia. As mulheres, por outro lado, experimentam o amor com base noutros sentimentos, como o respeito ou a compaixão. Não se preocupam tanto com a aparência dos cavaleiros como com a sua bravura e força. As personagens femininas também

evoluem e mudam mais. Por exemplo, quando Aónia se apaixona por Bimarder e torna-se mulher.

A caraterística principal de todas as heroínas de *Menina e Moça* é a beleza. Na introdução perguntámos; “Que papel desempenha a beleza feminina no livro?” A importância dela aumenta à medida que o livro avança, e intensifica até chegarmos a Arima, supostamente "a mais fermosa cousa do mundo."³² A beleza é também crucial para o desenvolvimento do enredo. É uma fonte de poder para as mulheres porque, enquanto uma mulher é bela, é procurada e os cavaleiros querem servi-la e protegê-la. No entanto, também é efémera e, se uma mulher perde a sua beleza por qualquer razão, o seu valor aos olhos da sociedade diminui.

O ideal de beleza feminina da época, ao que todas as personagens principais femininas correspondem, está ligado às qualidades duma „mulher ideal", tal como definidas pela sociedade renascentista. Como por exemplo a piedade, a contenção, a obediência, e a castidade. As mulheres com curvas pronunciadas não se enquadram neste ideal. De facto, existe também a "graça excessiva" representada pela figura da Senhora Deserdada. Assim, a beleza das mulheres deve ser suficiente para despertar o amor dos homens, mas não tão pronunciada que suscite o desejo erótico.

Eufemismos semelhantes, como "graça excessiva", são utilizados frequentemente para descrever o aspeto físico das personagens em *Menina e Moça*. Não há uma descrição completa da aparência de nenhuma das heroínas femininas. Este método de captação da sua beleza provoca a fragmentação e a fetichização do corpo feminino típicas da poesia renascentista. O corpo feminino é assim reduzido aos aspetos físicos atrativos para os homens e desumanizado. Uma vez que as partes do corpo não podem exprimir a sua opinião ou ter livre-arbítrio.

³² RIBEIRO, Bernardim, 2015, p. 137.

Falámos da forma como Ribeiro retratou as heroínas femininas no plano da ficção. Agora perguntamos: Até que ponto a sua obra se aproxima da realidade? Muitos dos motivos de *Menina e Moça* são simbólicos e muitos aspetos das personagens femininas são exagerados. Na tentativa do autor de simpatizar com as suas heroínas, observamos o contraste entre a forma como as mulheres pensavam na realidade e a forma como o autor imaginava que as mulheres pensavam e viviam as emoções. No geral, estas personagens são idealizadas, a sua beleza, nobreza e gentileza são quase sobre-humanas. O autor destaca várias qualidades que lhes atribui, como a castidade e a obediência, e volta a criticar outras, como a promiscuidade e a ingenuidade.

Por outro lado, algumas das situações do livro refletem, efetivamente, as convenções sociais da época. A vida de todas as personagens femininas de *Menina e Moça* desenrola-se com base na sua principal tarefa enquanto mulheres da alta sociedade, ou seja, casar e ter filhos. O livro retrata também com bastante fidelidade a posição que as mulheres ocupavam na sociedade renascentista em relação aos homens. Ribeiro consegue mostrar os problemas que as mulheres enfrentavam e como lidavam com eles.

O livro *Menina e Moça* é muito significativo para a literatura portuguesa, não apenas pelo tratamento dado às personagens femininas. As histórias de Belisa, Aónia e Arima, embora ficcionadas, espelham fielmente a ideia do papel feminino na sociedade portuguesa do Renascimento. E porque Bernardim Ribeiro é um dos primeiros escritores em Portugal a interessar-se pela mundividência feminina, *Menina e Moça* é uma obra verdadeiramente única.

Bibliografia

BINKOVÁ, Simona. *Portugalsko*. Praha: Libri, 2004.

COHN, D. *Transparent Minds: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1978.

FOŘT, Bohumil. *Literární postava: vývoj a aspekty naratologických zkoumání*. Praha: Ústav pro českou literaturu AV ČR, 2008. Theoretica & historica. 111 s.

FUKANOVÁ, Tereza. *Obraz ženy v tzv. rozprávkách renesančních*: magisterská diplomová práce. Brno: Masarykova univerzita, Filozofická fakulta, 2020.

HODROVÁ, D. a kol. ... *na okraji chaosu.....* 1. vyd. Praha: Torst, 2001

CHMELOVÁ, Tereza. *Typologie ženských a mužských postav v románech Karolíny Světlé*, bakalářská diplomová práce. Brno: Masarykova univerzita, Filozofická fakulta, 2011.

JOÃO DODMAN Maria. *(Mis)Fortunes and Perils of Beauty: the Women of Bernardim Ribeiro's Menina e Moça*. eHumanista (Santa Barbara, Calif.), 2011, Vol.19, p.390-406.

KING, Margaret. "Žena renesance." In: GARIN, Eugenio, ed. *Renesanční člověk a jeho svět*. Praha: Vyšehrad, 2003, s. 219–245.

KLAPISCH-ZUBEROVÁ, Christiane. "Žena a rodina". In: LE GOFF, Jacques, ed. *Středověký člověk a jeho svět*. 2. vyd. Praha: Vyšehrad, 2003, s. 241–262.

LOURENÇO Helena Filipa. *A representatividade do feminino na Menina e Moça de Bernardim Ribeiro: paradigmas do discurso amoroso*. eHumanista: Journal of Iberian Studies, Vol. 12, 2009.

LYON DE CASTRO, Francisco, *História da literatura portuguesa*. Lisboa: Publicações Alfa, 2001.

MARGOLIN, Uri, *Kognitivní věda, činná mysl a literární vyprávění*, Trad. H. Zykmund, Brno – Praha: Ústav pro českou literaturu AV ČR – Host, 2008.

O'NEILL, Patrick, *Fictions of Discours. Reading Narrative Theory*, Toronto – Buffalo – London: University of Toronto Press, 1994.

PAVERA, Libor a František VŠETIČKA. *Lexikon literárních pojmů*. Olomouc: Nakl. Olomouc, 2002

RIBEIRO, Bernardim. *Kniha stesku*. Trad. Marie Havlíková. Praha: Argo, 2008.

RIBEIRO, Bernardim, *Menina e Moça*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda, S. A., 2015.

RIMMON-KENAN, Slomith, *Poetika vyprávění*. Trad. Vanda Pickettová. 1. vyd. Brno: Host, 2001

SARAIVA, António José a Oscar LOPES. *Dějiny portugalské literatury*. Trad. Zdeněk Hampl. Praha: Odeon, 1972. Dějiny literatur (Odeon).

TODOROV, T. *Poetika prózy*. Trad. Jiří Pelán a Libuše Valentová. 1. vyd. Praha: Triáda, 2000, s. 130-131

Informação sobre a autora do ensaio:

Nome e apelido: Julie Hrušková

Instituição académica: Univerzita Karlova, Filozofická fakulta, Ústav románských studií

Nome da tutora académica: Mgr. Karolina Válová, Ph.D.

Nota de aceitação: Aceito que o meu trabalho possa ser divulgado entre as várias universidades da República Checa e dos países ibero-americanos, bem como no site www.premioiberoamericano.cz e noutros meios de comunicação que o Júri do Prémio Ibero-Americano considere relevantes.